CORREIO do PARAÍSO

Ao grande poeta e insigne
jornalista Oliveira Guerra
com a estima e admiração
do

Mag.

30.VI.55

CORREIO DO PARAÍSO

Pelo Dr. GONÇALVES MAGNO

1 9 5 2

Composto e impresso na
Tip. e Enc. A PORTUENSE
Rua Conde de Vizela, 80 — PORTO

CARTA

PREZADO AMIGO:

Trago-te uma notícia triste. O filho do João morreu.

O Reinaldo andaria nos dezassete, há meia dúzia de anos. Um apelo telefónico colocou-me à beira do seu leito. Fui encontrá-lo encostado, quieto, e a cabeça afundada no almofadão. Ao sentir-me, voltou para mim a palidez do semblante.

Porejavam na testa finas contas de suor que lhe empastavam os cabelos. Uma grande ansiedade pairava nos seus olhos. Quis falar-me... A voz embargou-se-lhe na garganta. E eu, atento à sua comoção, para não exaltar o seu estado, confundi-o na própria conveniência de estar calado.

No desespero do silêncio imposto, estendeu-me o braço. Mostrou-me o lenço amarrotado... Um lenço branco qualquer, manchado de vermelho.

A história que o Reinaldo não chegou a contar-me, ficou resumida assim, àquele pedaço de pano, todo babado de sangue. Sem proferir palavra... ninguém poderia ser mais eloquente.

Pousei-lhe nas costas o fonendoscópio.

No fundo, nas entranhas do parênquima pulmonar, ouviam-se as ralas impertinentes que estavam a molestá-lo. Sarridos finos, como um roçar de cabelos entre as polpas dos dedos, borbulhavam abaixo da omoplata esquerda. À direita, o mal era penoso. No lobo superior, percebiam-se estalidos, distintamente, e um sopro anfórico no acto expiratório.

Depois, no peito... — o coração. Lá estava ele a martelar, a martelar o seu *pom-pá... pom-pá...*, tão monótono quão infatigável. Tal-qual dentro de nós, lá estava ele a galopar, em busca do fim, para poder descansar da sua grande jornada.

Admirável. Heróico. Sublime. Ainda mesmo que todas as esperanças se desvaneçam... Ainda que todos

os órgãos acabem por entregar-se... Ele há-de ser o abencerragem... Ele há-de ser o derradeiro a render-se... Há-de ser ele, com certeza, a escrever o ponto final na vida de todos nós.

Impressiona, sim—querido amigo—auscultar o coração, enquanto o pensamento baila e rebaila sobre estas puerilidades... Se aquilo estaca, a existência acaba ali. A vida anda presa por um fio. Tantas vaidades... Tantas ambições... Tantas loucuras... E tudo, sempre, sempre, suspenso por um cabelo!

Se nós soubéssemos compreender e enunciar a Vida... —a vida que anima o fogo... que encerra a electricidade... que ilumina o cristal ou o pirilampo... que mobiliza a sensitiva ou a paramécia... a vida, enfim, que reside na combinação matemática de nove biliões de neurónios ou no simples influxo do automatismo cardíaco... —desataríamos o nó górdio que perturba escolásticos e *comtistas*, que esgana sábios e ignorantes, que sufoca o grupo dos amor-perfeitos e o grupo dos girassóis.

A cada abalo de tosse, o cavername do Reinaldo parecia desconjuntar-se. O coração sofria. Hesitava. As pulsações quase paravam... Mas o ritmo logo recomeçava... A frequência restabelecia-se. E o coração lá voltava de novo, à sua loucura, estrada fora, a correr, a martelar o seu tão monótono quão infatigável *pom-pá... pom-pá... pom-pá...*

O Reinaldo não tirava os olhos dos meus olhos. Devorava-me. Estava atento à minha sentença. Dentro da facilidade com que a psique dos homens endeusa certos homens, também ele divinizava a minha presença. De resto o recalcamento é ancestral. Vem de remotas eras o *divinum est opus sedare dolorem*... Do tempo em que a ciência e a religião andavam confundidas no mesmo amplexo... A ciência, toda ela, era religião... A religião era toda a ciência da época... Quando aquela estimulava pelos símbolos o desenvolvimento desta, esta reforçava pela observação a austeridade da primeira. Duas almas. Uma só paixão. Uma única vergôntea.

O meu coração, perante a enfermidade do Reinaldo, latejava serenamente. A minha fisionomia não lhe deixava

transparecer informação alguma, a não ser aquela que eu mesmo consentia. A minha cara era de pau. Mostrava-se quase impassível diante da tragédia que se desenrolava a um palmo de distância.

Era indispensável que fosse assim. Era necessário que a minha inteligência não se empanasse na frente de qualquer espectáculo de ordem clínica. Era conveniente que não me deixasse arrastar no turbilhão dos sentimentos. Era imprescindível que, acima de todas as mágoas que me rodeavam, cumprisse o meu dever profissional. Era preciso animar o Reinaldo. Sobremaneira, era proveitoso que ele viesse até mim... e se deixasse sugestionar com a minha tranquilidade absoluta.

Enchi, então, de suaves mentiras, o quarto daquele adolescente. Incendiei-lhe a imaginação com deliciosas quimeras. Fiz-lhe transbordar a alma de esperançosas miragens. Prometi-lhe a saúde em breves tempos. Disse-lhe mesmo que aquilo tudo... não era nada!

E o Reinaldo fiou-se. Acreditou. Acreditou, como acreditam todos naquilo que agrada ao seu temperamento. Acreditou, porque a emoção que o sentimento reflecte, domina a lógica, amordaça capacidade de análise crítica, e aniquila mesmo as manifestações da razão. «Chorei... e cri» — dizia Chateaubriand. Eis a comprovação.

O Reinaldo fiou-se... Acreditou... Sentiu-se feliz... Quase curado... Era o que importava ao meu credo profissional.

Formulei, antes de vir embora, uma poção de cálcio com xarope tebaico, e uma picada de emetina. Depois veio o Ziehl-Neelson para a pesquisa do b. K. A sedimentação do sangue. A radiografia... E o Reinaldo começou o calvário angustiante de incertezas, com alternativas de pioras e melhoras ou de melhoras e pioras. Voltou a insegurança. Vivia triste e amargurado.

Nunca mais o vi. A não ser poucos dias antes de se finar. Sobreveio-lhe um derrame que aliciou o pericárdio. Certa manhã, já muito mal, desenganado de todos, chamou o pai... Entretanto, sem dar tempo, deixou pender a cabeça... Cerrou as pálpebras... E adormeceu assim. Profundamente. Para toda a eternidade.

No cemitério, quando fecharam o caixão, o pai mordeu os lábios, ferozmente. Depois, o ataúde rodou aos ombros, em direitura ao coval. Vimo-lo descer devagarinho... Ouvimos ecoar as primeiras pàzadas... E os amigos empurraram o João, por teimar em não se desprender daquele grande sonho que se perdeu na terra. Para não ir aos trambulhões, levaram-no amparado. Ao voltar-se ainda, na curva da carreira, vi-lhe os olhos inchados, vermelhos e rasos de água.

As dores não podem medir-se. Sentem-se. São reações subjectivas. Por contágio psíquico ou por reflexos condicionados... sofri, imensamente, ao ver aquelas lágrimas grossas, enormes, a borbotar em toalha, nos olhos do pobre João.

.....

À tardinha, regressei a casa. Vinha condoído. Esmagado. A recepção dos meus filhitos fez-me aliviar aquele peso. Atiraram-se às minhas pernas numa algazarra festiva.

Acarinhei-os, talvez, um pouco mais do que o costume... Amarrei-os a mim, talvez, mais ternamente... Não sei... Os olhos enevoaram-se-me. E à pergunta inesperada dos petizes... — por que é que o papá vem a chorar? — estremeci e transformei em sorriso, o temor que me assaltou... Não tanto que me fosse possível ainda, deter uma lágrima teimosa.

E logo a brincadeira interrompida recomeçou. Mais brava. Mais clamorosa. Mais encantadora, a todos os títulos, para o meu coração.

Se nós pensássemos mais na morte para cá da vida, em vez de pensarmos tanto na vida para lá da morte, possivelmente, seríamos melhores e muito mais dignos da felicidade — quer da que nos falam da terra, quer da que nos falam do céu.

Não te enfado mais. Aceita, amigo, um abraço do teu dedicado.

Gonçalves Magno.

Porto – Fevereiro, 1951.